

**Museu da Imigração****Coleção de História Oral****Núcleo:** Pesquisa**Projeto:** Deslocamentos Indígenos e Negros**Entrevistada:** Leonila Pricila da Costa Pontes**País de Origem:** Brasil**Data da gravação:** 26/03/2024**Forma do Documento:** Gravação em vídeo, áudio e transcrição.**Autor da transcrição:** Bruno Bortoloto do Carmo**Pessoas presentes na gravação da entrevista:** Virginia da Acenção Costa, Letícia Ester de França, Tânia Heloisa de Moraes, Camila Mello, Thiago Haruo Santos e Marci Jean Pereira Santana**Local:** Eldorado - SP**Duração:** 01:05:06**RESUMO**

Leonila nasceu em 17 de Janeiro de 1949, no quilombo Abrobal Margem Esquerda, município de Eldorado, região do Vale do Ribeira – SP. Nesta entrevista Leonila conta da sua história, a da sua família e da sua comunidade. Neste sentido, a entrevista discorre sobre a formação familiar da entrevistada e também sobre a construção do quilombo Abrobal (que posteriormente viria a ser dividido entre margem Direita e Esquerda). Esse contexto é abarcado pelas lutas propostas pelo MOAB/EAACONE, que visam a conquista e proteção dos direitos quilombolas na região do Vale do Ribeira. A entrevistada então relata os momentos de luta contra a instalação da barragem de Tijuco Alto e a luta pela titulação do território do quilombo Abrobal, que se liga a luta de outros quilombos da região. Vale ressaltar a presença de Virginia - familiar com forte ligação a Leonila, que interage em alguns momentos da entrevista.

**PALAVRAS-CHAVE:** deslocamentos negros; quilombo; mulher quilombola; Vale do Ribeira; Eldorado; barragem; território; poetisa.

**TÂNIA:** É... vamo lá, Leonila. Hoje a gente vai fazer um pouquinho da entrevista do acervo oral da EAACONE, né? Hoje é quarta... terça feira, dia 26 de Março de 2024... estamos aqui Vila Nova Esperança, município de Eldorado, estando presente Virginia, Marci, Thiago, Letícia, Camila, e eu Tânia, e aí eu queria que a senhora se apresentasse um pouquinho falando nome completo...

**LEONILA:** Leonila Pricila da Costa Pontes.

**TÂNIA:** Dona Leonila, é... hoje eu venho... queria que a senhora pudesse falar um pouquinho da... como foi sua trajetória, né? Sua origem, o seu nome, o nome dos seus pais, aonde viveu, os avós... se a senhora tiver um pouquinho desse contexto pra tá trazendo esse histórico um pouquinho pra gente...

**LEONILA:** Meu nome eu não sei da onde meu pai arrumou isso, porque eu não achei um nome pra ter uma *xará* ainda. Mas a minha origem é... eu sou da origem, africano, da Nigéria, que o avô do meu pai veio da Nigéria. Meu avô já nasceu no Brasil, mas ele nasceu na Nigéria. Meu pai era... nasceu no Abobral, minha mãe também. Não tive convivência com a minha mãe porque quando tinha um ano dez meses minha mãe morreu. E nem muito com meu pai, porque aí fiquei com a minha tia que era irmã do meu pai e me criei com ela. E vivi... [palavra incompreensível] eu fui pra escola – rural – que hoje não existe mais... fiz a quarta série na escola rural. Aí fui trabalhar na roça, porque a gente tinha que trabalhar, né?

**TÂNIA:** Uhum.

**LEONILA:** E eu logo me criei, assim, na casa, já digo na casa dos outros... enquanto minha mãe de criação era solteira, a gente vivia uma vida mais folgada, né? Porque ela compreendia a gente e a gente se compreendia. *Depois* ela casou, apesar de ser parente – o marido dela ser meu primo, até – mas ele judiou muito de nós. Ele dizia pra ela que casou com uma casa cheia de gente, que não sei o quê, ele sabia de tudo isso... e ela, a vida dela, quando ele falava isso, ela não comia não bebida, a vida dela era chorar... e a gente ficava também triste com aquilo porque, vendo aquela humilhação por conta da gente. Aí quando foi, quando eu tava com 20 anos, me casei; tive 22 anos casada, aí meu marido morreu. Daí, *depois* que meu marido morreu que eu entrei na luta...

**TÂNIA:** Hum, sim.

**LEONILA:** das barragens, com as irmãs Sueli [palavra inferida] e irmã Ângela [palavra inferida].

**TÂNIA:** É... dona Leonila, quando eu referi pais, né, a senhora poderia falar – se a senhora lembrar também – o nome dos pais, o nome da sua mãe de criação...

**LEONILA:** Maria Conceição da Costa.

**TÂNIA:** Essa é sua mãe de criação?

**LEONILA:** É.

**TÂNIA:** A senhora lembra o nome dos seus pais?

**LEONILA:** Meu pai é Pedro Alexandre Castelo da Costa, e minha mãe é Damásia Morais Costa.

**TÂNIA:** Sim. É... a senhora falou que a senhora chegou a estudar, né, também até a quarta série. Foi mesmo dentro da comunidade...?

**LEONILA:** Foi dentro da comunidade. Nesse tempo tinha escola lá.

**TÂNIA:** Nesse processo dentro... do estudo dentro da comunidade, a comunidade também já era... que a gente sabe que agora é Abobral né? Tinha ainda esse nome de Abobral...?

**LEONILA:** Já tinha o nome da Abobral.

**TÂNIA:** Sim.

**LEONILA:** Porque a Abobral foi os africanos que trouxeram pra lá. Porque meu bisa trabalhava no... ele e mais os outros, a turma trabalhava no Engenho de Miguel Antônio Jorge. Eles viajavam de Iporanga... de Eldorado, de lá do Caiacanga a Iporanga, e do Caiacanga a Iguape, carregando as coisas e carregando o Miguel Antonio Jorge. Que eram ele e mais um primo dele que era o remeiro. Ele era Emídio Honorato Costa, e o... esse, esse... e um primo dele que chamava Sarmando Costa. Eram os dois que carregavam o Miguel Antônio Jorge. E aí quando eles vinham pra Iporanga, quando eles desciam pra Abobral e desciam pra ir embora, eles traziam a canoa cheia e levava vazia, aí tinha ilhas, e tinha muita abóbora. Então como eles não tinham o que comer, porque eles levavam abóbora, enchiam a canoa de abóbora e levavam... aí diziam Abobral, Abobral, Abobral... aí ficou abóbora – Abobral. Por causa disso.

**TÂNIA:** Uhum. É... a senhora falou... seu bisa, né?

**LEONILA:** É.

**TÂNIA:** É... seria seu bisavô, né?

**LEONILA:** É.

**TÂNIA:** Ele era, é... por parte de mãe?

**LEONILA:** De pai.

**TÂNIA:** Como era o nome dele? De pai?

**LEONILA:** É... Emídio Honorato Costa. Emídio... Honorato Costa.

**TÂNIA:** Sim.

**LEONILA:** Mina da Costa! Emídio Mina da Costa! Honorato era o filho dele, que era o meu avô.

**TÂNIA:** Tá. É... também a gente sabe que Leonila com Virgínia também são... primas, né? Sempre vivem junto. Como é esse processo da convivência também de Virgínia junto, tava desde a infância...?

**LEONILA:** É... porque minha mãe morreu, aí quando eu tava com cinco anos... ela tava com três, a mãe dela morreu também. Aí desde essa época, minha tia que já tava comigo, criou ela, só que ela foi diferente porque o pai dela morava junto... ficou morando junto com a tia, ela tinha sempre a presença do pai. E eu não tinha a presença do meu pai; que meu pai era carpinteiro, andava por aqui tudo, por esses mato, ficava dois, três meses fora de casa... e eu não tive muito, assim, a presença do pai. Até aos meus dez anos, depois dos meus dez anos que ele casou... aí que eu não tive mesmo.

**TÂNIA:** Sim. Agora, é... Leonila, vamos falar – acho que – o histórico de vida da senhora fortalece acho que muitas mulheres, famílias, né, nesse contexto histórico... de luta, né? Mesmo com dificuldade, mas, a senhora tá aí, uma mulher guerreira né? E dentro desse histórico, também, de vivência né, a gente teve essa trajetória também do Tijuco Alto, que eu vou também falar um pouquinho junto com a senhora... e a senhora trouxe um pouquinho falando que depois que a senhora casou, né, teve... que a partir daí a senhora também teve essa vivência de tá indo lutando também fora, né? Como que foi um pouquinho desse processo da senhora até a chegada do impacto, né, do Tijuco Alto... como que a senhora teve esse processo de luta, de vivência, se as mulheres eram respeitadas nesses momentos, se tinham o mesmo poder de voz...

**LEONILA:** Não. A mulher não tinha voz. As mulheres aqui de Eldorado só pegaram voz *depois* que as irmãs chegaram. E elas que fizeram nós saber qual era nossos direitos e ter voz também, né? Porque as mulheres até antes era só pra criar filho em casa e ficar em casa. Até quando chegar uma visita nem na sala elas não iam. Era desse jeito. *Depois* que as irmãs chegaram e começaram a abrir nossos olhos – aí nessa época eu já era viúva, quando comecei essa luta – mas eu via muito as outras, como é que sofriam, como é que era, como é que não era. E se nós estamos nesse... nesse adiantado de Tijuco Alto não ter saído, mas tudo começou pelas irmãs Pastorinha.

**TÂNIA:** Hum, sim. Começou através das irmãs... como a senhora ficou sabendo...? Teve um processo de começo...? Ou só foi, já logo sabendo que era construção de barragem...?

**LEONILA:** Ah... não, porque quando elas começaram, elas faziam campanha... começaram a fazer campanha e aí montamos um grupo de mulheres, as mulheres lutavam. E aí ficamos, aí nós fazia, reivindicava as coisas e aí, se os homens fossem, bem, se os homens não fossem a gente ia... e foi assim desse jeito. Mas sempre tinha companhia de homens também. Que eles também, muitos deles iam juntos, nós... fazia... só lá no Abobral eu comandava lá aqueles que eu chegava lá, era pra ir pra São Paulo lutar lá contra a barragem e ela já mandava um aviso, Seu Carlos era o que ia avisar lá pra mim juntar o povo. Aí nessa época, tinha época que lá no Abobral eu juntava dois ônibus pra ir pra São Paulo.

**TÂNIA:** Uhum. Quando a senhora fala de ir pra São Paulo, vocês faziam o quê lá?

**LEONILA:** Ia protestar. Ia na... no IBAMA, Minas Energia, tudo nessa parte nós ia. Apanhava de polícia.

**TÂNIA:** Sim.

**LEONILA:** Cachorro corria atrás de nós, e assim era.

**TÂNIA:** É... a partir desse processo aí de ida, né, pra São Paulo... teve alguma outra coisa que vocês fizeram pra impedir a construção? Fora as viagens pra São Paulo?

**LEONILA:** Fechamos a BR, várias vezes. Ia pra Brasília junto com a turma do Rio Grande do Sul que, uma vez nós fomos e a turma do Rio Grande do Sul tavam lá. Esse dia nós

fomo no Ministério das Minas e Energia. E entramo lá, dentro do Ministério, lá. E era várias vezes, era pra São Paulo era pra onde fosse, que tivesse pra protestar a gente ia.

**TÂNIA:** Uhum. Esse protesto que vocês faziam, além de impedir a construção de barragem... vocês iam reforçar o quê, mais ou menos assim?

**LEONILA:** Reforçar a força do nosso território, né? Sempre a gente ia defendendo o território. Que nós não... até esse tempo a gente vivia aí e não sabia nem que era Quilombo, nem que não era, mas nesse tempo a gente lutava pra isso.

**TÂNIA:** É... quando a senhora fala que teve gente, além da senhora, participando... a senhora fala de comunidade...? De pessoas...?

**LEONILA:** Comunidade.

**TÂNIA:** E de pessoas... específicas? A senhora lembra de alguém, assim, que lutou nesse processo junto com a senhora?

**LEONILA:** Ah... a dona Iraci, as que já morreram, dona Esperança, dona Tibi [palavra inferida], que eu não sei se é morta ou viva, porque faz cinco ano que eu vou fazer visita pra ela lá no asilo, mas agora não sei mais dela; essa era uma guerreira. E dona Iracema da Praia Grande, dona Dita... todas essas pessoas aí nós lutava junto. Dona Juvita... no dia que nós fomos em Brasília essa dona Juvita virou um leão lá... aí os homem era pra dormir na barraca dos gaúcho, e as mulheres – foi dois ônibus, era pra dormir no ônibus por causa de que... – aí foi tudo concordado, aí tinha uma senhora que levou dois menininhos assim e ela ficou com as crianças lá. Aí lá não sei de que comunidade era... era ela – dona Juvita conhecia quem era elas, eu não sei – os rapazes queriam dormir junto com nós lá porque os meninos tavam dormindo, as criancinhas, tavam dormindo. Dona Juvita saiu fora, mas esse dia eu vi dona Juvita tão brava. Aquele dia eu fui fazer visita pra ela, me lembrei disso, até chorei. Porque ela era uma leoa mesmo. Ela deu uns gritos lá, atropelou todo mundo. Porque se não conheciam ela, iam conhecer naquele dia... ói, não ficou um! Foram todos pro canto, que era pra eles ir... e, muita... todas as mulheres iam e... e tinha seu Ernando [palavra inferida] com a mulher lá – esqueci o nome dela – uma vez nós fomos pra Brasília e tinha que dormir numa faculdade lá tudo é aberto. Aí ia homens e mulher, e tudo, aí seu Ernando ficou assim, botou ela cá, aí nós mulher *dormimo* pra lá e os homem pra cá, assim. Eles com ela fizeram a parede pra separar os homens das mulheres. E era nossa vida era assim. Às vezes comia, às vezes não comia. Às vezes era bem recebido, às vezes não era. E assim foi a luta, esses 30 anos que nós lutamos pra derrotar Antônio Emílio.

**TÂNIA:** É... vocês, Virgínia, Camila, Letícia... quer complementar alguma coisa? Marci, Thiago...? Falando nesse processo da construção de barragem, pensando nessa dificuldade que as comunidades tiveram, que Leonila trouxe, né? Desse enfrentamento, tem alguma questão que vocês também queriam tirar uma informação...?

**LEONILA:** Ah esqueci de uma guerreira, também. Que ela nem negra era. Benedita Flores. É... essa foi uma guerreira contra a luta das barragens. E foi quem me ajudou a reconhecer Abobral. Eu não tive ajuda de homem nenhum, a não ser Zé Rodrigues que um dia foi falar por mim com o feche do ITESP. Mas ela era... e ela quem me deu força,

quem me incentivou pra formar a associação, porque eu tinha muito medo. Mas ela me deu coragem e graças a Deus deu tudo certo. Só que... eu nem gosto de falar, porque [nesse momento se emociona e interrompe a fala]

**TÂNIA:** A senhora quer parar um pouquinho Leonila?

**LEONILA:** Tanta vontade que ela tinha, vontade de ver Abobral reconhecido e ela não chegou a ver. Porque morreu antes de reconhecer. E ela lutou muito por esse rio. No dia que ela morreu a irmã Sueli, nós fomos lá, a irmã Sueli falou na hora que nós nos despedimos dela, que nós fomos a noite, que outro dia tinha que ir pra São Paulo, ela falou assim pra ela: “Dita, leve com você essa barragem. Que não seja construída”. Olha, até hoje lembro, parece que ela falou: “Vou levar.” Parece que ela respondeu lá dentro do caixão que ia levar mesmo.

**TÂNIA:** A senhora quer... parar um pouquinho?

**LEONILA:** Não. Não, pode tocar. Pode continuar.

**MARCI JEAN:** Dona Leonila, eu queria saber um pouco mais sobre as irmãs. Elas não eram daqui? O que elas faziam? O que elas falavam? Como é que foi?

**LEONILA:** Não. Elas... nenhuma era daqui, nenhuma delas. A irmã Sueli era de Mombuca, lá perto de Piracicaba – diz ela, eu nunca fui lá no lugar que ela morou. Mas... e a irmã Ângela é do sul de Minas. Mas elas deram a vida aqui... eu tenho uma poesia que eu falo, que elas gastaram a mocidade e a saúde delas, aqui, porque foi isso mesmo que aconteceu. A irmã Ângela já era mais velha, mas a irmã Sueli era bem novinha quando chegou aqui; saiu de cabelo branco com nós.

**CAMILA:** Dona Leonila, eu queria perguntar pra senhora: são trinta e cinco anos, né? De luta.

**LEONILA:** É.

**CAMILA:** Daria pra senhora falar um momento que marcou muito vocês, assim? Que a senhora lembra, né? Como marco, assim, teve alguma situação?

**LEONILA:** Olha, tem vários marco, mas um que eu... que eu, que marcou muito, foi um dia que nós fomos no... no IBAMA. Nós *chegamo* lá cedo, aí eles estavam abrindo a porta e nós aproveitamos o aberto da porta e *entramo* no prédio. Aí veio um segurança com revólver apontado no peito da irmã Sueli, ela disse assim: “cê mata uma mulher, não mata porcaria”. Aí toma, o seu Dico da Possa, grudaram nele, tomaram o revólver dele. Mas ele levou o revólver no peito dela, pra atirar. Esse marca muito... e aí tava uma chuva, e aí... aí... nós *fiquemo* lá dentro e Silvani ficou fora. Com microfone, porque ela fala *mermo* feito uma doida, falando e falando... aí, a polícia vinha vindo [palavra incompreensível] ela convenceu a polícia, que a polícia trouxe até capa de chuva pra ela, pra ela ficar pra não se molhar mais do que tava molhado. Mas esse dia foi, esse dia não sai da minha lembrança. Esse dia a gente viu assim a morte encima do olho. Porque ela tava na frente e eu tava atrás dela, se ele atirasse nela a bala passava nela e vinha pegar em mim.

**TÂNIA:** Como se fosse, também, uma proteção né?

**LEONILA:** É.

**THIAGO:** Dona Leonila, eu também tenho uma pergunta... que hoje é normal, barragens... a gente saber dessas barragens... mas sempre foi assim? Vocês sabiam que tava sendo construído barragem? Como é que foi isso?

**LEONILA:** Não... não sabia que era construído barragem, aí uma vez, quando Laudo Natel era governo, ele veio fazendo... tinha até um negócio aí que fizeram em baixo, eu não vi nesse dia... ele fez uma festa, o povo muito bobo, as irmãs não tavam aí ainda... vieram tudo... vieram tudo vê a festa dele, desceu de helicóptero, disse que ia fazer barragem aí da CESP... a turma tudo aceitava isso, mas depois que eles viram... *despois* que as irmãs chegaram que abriu o olho deles, que aí... aí foi... aí Antonio William, já tava enraizado, mas a gente conseguiu arrancar ele da barragem. Mas foi com muita luta. Faziam... *ponhavam* Antônio Emílio num caixão pra fazer... fazer tudo esses protestos tudo foi feito.

**TÂNIA:** Sim. É... eu acho que, é... assim, é válido também reforçar, né, que a senhora conta aí a participação das mulheres, né?

**LEONILA:** É.

**TÂNIA:** E... na época não tinha...

**LEONILA:** Nós lutemo dez anos no grupo, não sei porque acabou, mas eram dez anos de luta forte. Ferrenha mesmo. Foi com... apesar com as outras mulher foi arrumado água no Ivaporunduva que não tinha... a dona Iraci falou, falou... Maria Santana – ali era o Prefeito – Maria Santana foi lá assistir o encontro de mulheres, pensava que ia ter tudo mel na boca de criança, chegou lá tem umas... ficaram brava porque prometia, prometia e não coisava... *despois* ela levou... *despois* ela chorou lá queria que a turma fossem tomar café, um pouco delas foram, nem sei se dona Iraci foi, eu não fui. E eu sei que até que tiveram por água lá, arrumar o cano, sei lá, pra por lá, mas foi a coisa de luta, porque se não fosse com luta nada saía. Então igual hoje mesmo, que se não lutar, se não gritar não sai nada.

**TÂNIA:** A senhora fala das dificuldades nas comunidades, né?

**LEONILA:** É.

**TÂNIA:** Além da água, tinha outras dificuldades?

**LEONILA:** Tinha! Estrada, que até hoje não tem, escola precária... era assim, desse jeito. Se ia, carecia ir num médico carecia quem, igual eles lá no Ivaporunduva, tinham de vim dormir na cidade pra ir... e outro, nós também carecia vim dormir... se era cedo, carecia vinha dormir porque não tinha ônibus, não tinha nada, a gente tinha que vir andando; aqueles que tinham cavalo vinham a cavalo, quem não tinha, tinha que vir andando.

**TÂNIA:** É... acho que, assim, a senhora falando um pouquinho do difícil acesso, das dificuldades, né, da comunidade, né? A senhora quer contar um pouquinho como que foi esse processo da comunidade de vocês? Vocês sempre foram família dali, desde seus antecedentes...? Tem outras origens? A gente sabe, também, que tem dois Abobral, né? Que vocês tiveram essa divisão. A senhora quer contar um pouquinho como foi...

**LEONILA:** O Abobral era um só. Mas *despois* que começou a... a política se expandiu, aí foi denominado Abobral Direito e Abobral Esquerdo. Mas, no começo, pra reconhecer eu tava lutando pelos dois. Mas, aí, a turma do Abobral de cá, Direito, tinha uma tomada que quando vinha as coisas ficavam doido. Um dia eu desmaiei lá por causa da bralhada deles, porque... carregar tudo e formaram briga lá... aí a irmã Sueli falou... porque até esse tempo... era pra ser reconhecido, era pra eles estar reconhecido já! Aí a irmã falou pra mim que ela ia fazer um jeito de separar os dois Abobral porque ela queria eu viva, não morta. Porque... morrer por causa de cesta básica, lá. Aí foi separado... aí só continuei lutando pra reconhecer a minha parte. Mas até a Associação era uma só.

**TÂNIA:** A origem da comunidade veio a partir dos dois Abobral, mas... tem uma pessoa mais, como eu posso dizer? Mais velha, que trouxe essa vivência de construção de tá ali no território...? Ou...

**LEONILA:** É, eram os nossos antepassados. O meu bisa por parte de mãe, ele veio lá do André Lopes. Chamavam ele de Copinho, mas ele era Higino Precópio. Ele é originário índio, porque a dona...

**VIRGINIA:** Silvia

**LEONILA:** Dona Silvia me falou que ele era *fio* da Joana, que era avó dela, parece, sei lá. Eu sei que ela dizia que nós era parente porque esse Higino Precópio veio de lá. Que diz até quando essa Joana, *despois* que ele saiu, que não voltou nunca mais – ele veio e nunca mais voltou pra lá – ela diz que dizia que não vendessem a parte do Copinho, o tal de Copinho... aí esse dia que ela me contou “ah, venderam tudo, acabaram com tudo”. Mas ele era de lá. E era filho de índia. E a minha bisavó, cá do meu pai também, era índia... essa minha bisavó do meu pai era índia. Ela foi pegada a laço, pra casar com esse Generoso Silva que é o meu bisa, que era o pai da minha avó. E várias pessoas, porque dona... dona Diva me contou que o avô dela, que tratavam de Silvério Pitoco, ele trabalhava na fazenda de Miguel Antônio Jorge, cá no Abobral, no Caiacanga... e ele cortou o pé, ele só tinha metade do pé, caso que Miguel Antonio Jorge cortou, deixou ele pitoco. Então tem, tem gente do Nhunguara, do Pedro Cuba, do André Lopes, do Abobral tem no Ivaporunduva.. porque Simão, o pai dele é irmão da minha mãe e era do Abobral. Então é uma mistura que a gente não sabe onde tá os parentes e onde acaba os parentesco.

**TÂNIA:** A partir desse histórico que a senhora contou, eu quero saber um pouquinho mais como, assim, como pessoa, né, como mulher, como que você entende nesse processo de reconhecimento como Quilombo, né? Como que a senhora identifica esse histórico da comunidade... desse reconhecimento... de você enquanto mulher ter essa representatividade como quilombola...

**LEONILA:** Eu sinto, assim, que não fiz mais que o meu dever. Eu sempre quando lutei lá eu sempre dizia pras minhas colegas: “Eu não tenho filho, não tenho neto, não... só eu. Se amanhã eu morrer, acabou. Mas vocês tem filho, tem neto, vamo lutar gente, pra geração que vem.” Só que eles não são muito ligados não, é muito pouco quem liga nisso aí. Quem dirá agora que é reconhecido, o governo manda dinheiro e aí... aí acabou o resto, aí é só pensar no dinheiro que vem. E não ligam de lutar, e também não são uma pessoa de lutar em comunidade.

**TÂNIA:** Sim. Mas, é... cortando um pouquinho da senhora, enquanto a senhora fala na questão do reconhecimento... se a senhora puder me falar assim como que foi o processo – que a senhora já me contou um pouquinho da questão da, do processo de reconhecimento da comunidade – mas como, assim, a senhora vê pra frente... pensando na questão da titulação, se a senhora puder contar um pouquinho desse histórico, né? De reconhecimento da comunidade... a senhora falou um pouquinho e sensibilizou bastante pela mulher que não é quilombola que teve esse apoio, né? De Zé Rodrigues. Só que a senhora não teve essa continuidade. Se a senhora achar que tá de boa a senhora fazer esse histórico...

**LEONILA:** Não, hoje eu me sinto, assim, como um peixe fora d’água. Porque quando eu chego lá eu não tenho assim... o povo pensa que eu não sou de lá. Pensa que eu nada fiz.

**TÂNIA:** E como que foi, assim? A senhora contando desse processo que a senhora fez.

**LEONILA:** O processo? Eu lutei muito. Eu tinha tudo quanto é reunião, se a irmã Sueli falava assim: “Carece fazer tal coisa, porque pra ser assim assim, porque tá acontecendo isso aqui.” Eu tava, e eu saía com o meu dinheiro do meu bolso, eu saía – que nessa época já tinha ônibus... pegava o ônibus ali e vinha pra cá, ficava... já ficava, às vezes já ficava dois, três dias pra cá e... o apoio que eu tinha era só delas, mesmo. E ficava, e *depois* de um contingente, a Dita tinha um carrinho, o marido dela era pra fazer... eu ia pousar na casa dela, o marido dela trazia nós bem cedo aqui, voltava, e a gente ia lutar. Mas não tinha ninguém que aparecesse pra dizer: “ Eu vou ajudar vocês”. E quando foi no reconhecimento que a antropóloga passou aí, não apareceu um homem pra dizer: “Vou entrar no mato com vocês”; a não ser o dono que vendeu essa casa pra nós, que ele foi uns dias, ele ia com nós. E ele tinha uma Perua, uma Brasília, a Celina tinha um carro velho que não aguentava ir ali – mas ia – com esse carro doido, aí ele emprestava pra nós andar, pra nós até onde dava pra andar... na estrada ela levar ele. Era o único apoio que eu tive; foi esse.

**TÂNIA:** A senhora também fez parte além da militância, de coordenadora da comunidade?

**LEONILA:** Fiz, fiz. Eu fui coordenadora, dois anos.

**TÂNIA:** Dois anos? Como que foi esse processo?

**LEONILA:** É, um processo que... nesse processo, quando eu fui que eu peguei com mais forças pra mim lutar pra reconhecer porque... pra fazer a associação foi como eu contei: eu tinha muito medo de fazer a associação, *depois* a turma não pagarem a mensalidade

e eu não ter dinheiro pra pagar a associação. Mas, aí, com a força da Benedita [palavra incompreensível] eu fiz. *Depois...* aí nessa época ela já tinha morrido, nessa época, que eu fui pra lutar pra reconhecer. Aí fiquei só eu e Deus... e as irmãs, que me ajudaram muito. E como eu não saía daqui da cidade [palavra inaudível] um dia, aí eu tava vindo, aí Zé Rodrigues encontrou comigo: “Menino, o que você tá...?” E eu indo pra [palavra incompreensível] aí eu falei assim: “É que disse que tá pra ser reconhecido... que tá pra fazer o processo do reconhecimento disso aqui, e eu tenho de conversar, mas eu nem sei como é que eu faço”; aí ele falou assim: “Deixa eu vou lá, ligar pro Marco Pila. Vamo lá no [palavra incompreensível]” Aí ele foi lá e ligou... até hoje eu tenho a cartinha que o Marco Pila me mandou. Aí, não passou uma semana ele mandou a carta que tava em processo de reconhecimento e logo ia ser reconhecido. Aí, quando foi reconhecido, aí ela que era já era a...

**VIRGINIA:** Coordenadora...

**LEONILA:** Coordenadora. Mas aí mandaram chamar.

**TÂNIA:** E isso foi quando?

**VIRGINIA:** 2014.

**LEONILA:** 2014.

**TÂNIA:** 2014. A senhora sabe, mais ou menos, quanto tempo a comunidade tem desde a fundação?

**LEONILA:** Da... da...?

**TÂNIA:** De Abobral?

**LEONILA:** Desde da fundação?

**TÂNIA:** É, de começo...

**LEONILA:** Da Associação?

**TÂNIA:** É.

**VIRGINIA:** 2008... 2005, meu pai era vivo ainda!

**LEONILA:** Quando a, a associação nasceu em 2005. [Virginia fala ao fundo]. Foi a fundação da associação.

**TÂNIA:** É... eu acho que... falando um pouquinho dessa trajetória assim de vivência com outras lideranças, com outras pessoas da comunidade, né? A senhora conhece outras comunidades...? Como que é esse processo, aind que a gente sabe que a senhora é uma pessoa mais idosa, mas ainda é ativa, né? Gosta de tá lutando... como que é assim, esse processo assim... a senhora conhece algumas comunidades? Vai a algumas reuniões? A senhora quer contar um pouquinho como é que é.

**LEONILA:** É... As comunidades que eu conheço, é... a de Porto Velho, que eu já fui... Ivaporunduva que sempre cada reunião que a gente faz eu tô lá sempre.

**VIRGINIA:** de André Lopes.

**LEONILA:** Sapatu, Aldeia, Pedro Cuba, Nhunguara...

**VIRGINIA:** André Lopes.

**LEONILA:** André Lopes [risos] e... Abobral Direito também que a gente sempre tava por lá, hoje a gente quase não vai, mas...

**TÂNIA:** Engenho a senhora conhece?

**LEONILA:** Ahn?

**TÂNIA:** Engenho.

**LEONILA:** Engenho sabe que eu... [Virginia sussurra algo inaudível], depois que reconheceram, eu nunca fui lá. Eu só fui lá quando tava o processo das casinhas que eu precisava da assinaturas deles então fui. Mas fui de noite. Não conheço lá, como é que é o negócio lá.

**TÂNIA:** E, assim, a senhora tendo essas visitas dentro desses territórios a senhora vê alguma diferença... que a senhora acha que é a mesma questão da luta... pensando nesse parentesco... que que a senhora...

**LEONILA:** A luta é a mesma, os vícios dos costumes são os mesmos. Porque... eu tive numa comunidade que a fundadora, a líder da comunidade falou pra mim que hoje ela não é conhecida. Ela fazia os artesanatos... no fim, *despois* [palavra incompreensível] chegaram lá... pegaram... começaram fazer, *panhavam* tudo junto, ela *panhavam* o dela lá eles tiravam os artesanatos. Hoje ela nem faz artesanato mais. Porque não adianta fazer, porque eles não aceita ela por o artesanato junto.

**TÂNIA:** Falando um pouquinho do artesanato e pensando na cultura. Trazendo esse resgate que a senhora falou... que a senhora também é poetisa, faz tudo um pouquinho também, da questão da cultura... broinha, coruja, é... mais assim pra finalizar...

**LEONILA:** Eu faço de tudo um pouco. Eu faço crochê, eu faço broinha, eu faço bolo, eu faço beju, eu faço cuscuz...

**VIRGINIA:** [sussura] Doce de abóbora.

**TÂNIA:** Fala Virginia.

**VIRGINIA:** Doce de abóbora.

**TÂNIA:** Doce de abóbora...

**VIRGINIA:** É então [sorri].

**LEONILA:** De tudo um pouco eu faço.

**TÂNIA:** E a senhora quer falar um pouquinho dessa... dessa... desse carinho que a senhora tem pelas letras, pelas escritas, né? Que é a partir da luta, a senhora quer falar um pouquinho como que surgiu...

**LEONILA:** Surgiu assim, porque as minhas poesias só fala num sofrimento. E eu só escrevo o que sinto e o que vejo. Porque... conforme nós ia nos encontros da mulher, conforme passava aquilo lá eu fazia uma pra ir este ano, conforme que passavas neste ano, ano que vem eu fazia outra, trazia aquilo que eu via naquele ano... e eu não sei inventar, eu só sei... eu falo o que sinto e o que vejo. E vem muito do fundo, aquilo. Por isso que eu digo, e quando não tenho inspiração eu não faço nada, eu não escrevo. Tem uma poesia que eu escrevi, que eu pus o nome de “Eles querem nos exterminar”, que aquela eu escrevi pouco dia antes da enchente levar a ponte que quase acabou com Eldorado aqui.

**TÂNIA:** Essa enchente foi a primeira? Qual ano foi?

**LEONILA:** Ah, de 90... 97.

**TÂNIA:** De noventa e sete.

**LEONILA:** Que levou a ponte. Aí eu tava, eu já era viúva nessa época... tava na casa dela lá, *depois* vim morar com ela... aí eu tava, assim, assistindo jornal... assistindo a televisão, assim, com uma caixinha de banana assim que eu *ponhei* assim pra fazer um tipo [palavra inferida] de sofá pra gente... eu tava assistindo, aí garrei no sono e veio aquele intuito... vinha água pra terminar com nós. Aí eu levantei e já fui, já escrevi. E só não vi... só não escrevi porque não vi a saída da ponte, porque o resto... tudo que eu escrevi, aconteceu.

**TÂNIA:** A senhora não lembra, né? Um trequinho...?

**LEONILA:** Não lembro.

**TÂNIA:** [risos] Depois nós pega, então. Eu acho que, os demais... Camila, quer falar um...

**CAMILA:** A senhora falou dos encontros de mulheres de quando as irmãs começaram... a senhora sabe falar que ano que foi? Primeiro ano que as irmãs chegaram, quando que começou essa luta pela barragem e quando que começou o encontro de mulheres?

**LEONILA:** Óia, o ano e o dia eu não sei. Eu sei que o nosso encontro era assim... a irmã Bertila levava nós todo mês. Quando não era ela, era Carlo. Quando chegava perto... nós acabava o encontro de mulheres, nós começava outro. Nós ia lá pra... ou Batatal ou Itapinga [palavra inferida]. Lá que nós fazia, nós se reunia, pra ver como é que nós ia fazer o encontro... ia ser, mas todo mês, *depois* que nós começamos nós ia se reunir lá. Se reunir, ver como é que fazia... daqui ia eu, Maria... finada Maria de finado Marcinho mãe de... das Dores...

**VIRGINIA:** [sussurra] do Carmo.

**LEONILA:** E às vezes ia Geralda, mas era só nós... era mais nós duas e as irmãs. Um fusquinha [risos], a irmã Bertila enfiou nós no meio do *mandiorcar*. *Depois* aí, eles pegavam o Carlos pra levar...

[celular começa a tocar]

**TÂNIA:** Começando de novo. Ca, cê quer refazer de novo a...

**CAMILA:** Pode ser, vamo lá.

**TÂNIA:** A pergunta a Leonila.

**CAMILA:** Se a senhora lembra... não precisa lembrar o dia certinho... mas em que ano mais ou menos que começou esse encontro de mulheres, mais ou menos que ano... que época que as irmãs chegaram aqui e começou a mobilização contra a barragem... mas não precisa lembrar da data certinha, assim. Quanto tempo vocês ficaram, a senhora falou... dez anos não foi?

**LEONILA:** Dez anos... dez anos. Era um tempo gostoso porque todo mundo levava sua panela de farofa [risos], *depois* na hora do recreio todo mundo ia comer junto. Era muito bom. Muito bom esse tempo, mesmo.

**CAMILA:** Mas a senhora não consegue lembrar que época que foi.

**LEONILA:** Não lembro. A data... eu sou muito... se eu não marcar... sou muito ruim de data.

**TÂNIA:** Sim. Alguém mais fazer uma perguntinha? Aproveitar...

**THIAGO:** Dona Leonila, eu queria perguntar da luta, de Tijuco Alto ainda, eu queria perguntar: se vocês achavam que ia ganhar, quando vocês estavam na luta, vocês achavam que ia ganhar? E quando vocês tiveram certeza que ia ganhar?

**LEONILA:** Nós... tinha esperança de ganhar. Mas achar a gente não achava. A gente lutava na esperança que a gente ganhasse. E aí a gente ficou naquela, *depois* que nós fomos... a gente ficou assim, a gente ficou sem aquela certeza até o dia que veio a ordem pra, cancelando ela. Que – eu lembro muito bem – um dia nós fomos pra São Paulo foi o dia que Antônio Emílio morreu. Aí a turma tavam fazendo festa... a irmã mesmo falou: “Não vamo fazer festa, porque ele morreu mas tem a... a família dele tá lá.” E foi assim. *Depois*... quando chegou a notícia, nós tudo, a gente, eu, me pegou despercebido... que eu não tava nem esperando! Quando chegou a notícia a gente ficou alegre. Eu até fiz uma poesia que “Gigante também tomba” sobre essa... sobre a nossa vitória. De Antônio Emílio ser grande, e nós ser pequenininho e nós ter derrotado ele. Mas que a gente não tinha, dizer assim: “Ai nós ganhamo, ah”, eu pelo menos não tinha essa... essa euforia. Eu tinha fé que a gente ia ganhar. Mas não de dizer assim: “Nós [palavra incompreensível] ganhar... nós *temo* certeza que ganhamo”, a gente não tinha essa certeza. Porque a gente via tantos lugares que tavam lá gentes... jogado fora por lá... e fica lá, e mas... eles tinham dinheiro e a gente não. A gente não coisa, mas aí é o que eu sempre digo: Deus sempre tá do lado dos pobre. E graças a Deus que... e nós não

*deixemo* eles fazerem pra depois começar a lutar. Porque... foi antes deles começarem a fazer, a gente começou a guerrear com eles também.

**VIRGINIA:** [sussurra] E o dia do Antônio [palavra inferida] Emílio.

**LEONILA:** Eu acho que foi essa... a nossa vitória foi essa.

**VIRGINIA:** E o dia do *homi* lá?

**LEONILA:** Hum?

**VIRGINIA:** O dia do homem lá que perguntou pra você, do empregado do seu Emílio. É o que você fez a pergunta pra ele.

**LEONILA:** Hum?

**VIRGINIA:** A pergunta que você fez pra ele.

**LEONILA:** Hum? Ah. Aí uma vez que foi feita uma audiência pública aqui em Eldorado – nessa época ainda a Rita ainda era viva – aí, a irmã Sueli falou: “Vocês têm direito de fazer três perguntas.” Aí, ela era muito afoita porque ela queria... tudo... aí, foi lá, foi lá e fez uma pergunta. Aí não deixaram ela voltar a fazer mais. Eu peguei meu caderninho... escrevi tudo que eu queria, as três perguntas. Uma eu perguntei pra ele: “Quem era o maior assassino? Se era o lavrador que cortava dois pés de árvore pra fazer uma roça, ou a barragem que ia encher tudo por aqui e ia atropelar nós tudo em todo lugar?”. Ele não soube como é que me respondia. Aí, *despois* eu perguntei pra ele – eu sei que eu fiz três perguntas, mas eu vou falar essas duas – “se” – ele falava que ia ter quatro comporta, a de lá tava cheia, soltava na segunda, a segunda tava cheia, jogava na terceira, a terceira tava cheia, jogava na quarta – aí eu perguntei: “E a quarta? Quando tiver cheia, e essa onde é que vai soltar?” Aí ele me respondeu que só Deus sabia. Parece que foi Deus que mandou eles fazerem barragem.

**VIRGINIA:** [palavra incompreensível] o povo ficou doido.

**LEONILA:** Aí tinha o seu Dito Chapéu tava assim na frente e quando eu falei, assim, ele começou a bater palma e a turma começaram a bater palma... aí o homem levantou, vira pra mim e falou que... que eu olhava com um ódio, com uma cara de ódio pra ele... porque, pra mim todo mundo bateu palma pra ele não bateu. Eu disse: “Eu não pedi pra eles baterem palma, um que eu não pedi pra eles baterem palma, e outra que eu não tô *oiando* com cara de ódio pro senhor, porque nem pra Antônio Emílio se ele tivesse aqui eu não *oiava* com cara de ódio, *oia* o senhor que é um pau mandado? [risos] Aí que ele ficou mais doido comigo.

**MARCI JEAN:** Para além de encher de água os quilombos, tem outros prejuízos que as barragens trazem?

**LEONILA:** Claro que tem. Porque quando ela enche lá, vem... eles *sortam* água que tá tudo cheio, vem acabando com as lavouras e se não matar, tem gente. Lá Brumadinho, ó o que aconteceu lá.

**TÂNIA:** Pode fazer.

**CAMILA:** Dona Leonila, a gente já ouviu aí, né? Vocês conseguiram vencer Tijuco Alto, mas mesmo não saindo Tijuco Alto, a senhora sabe se teve alguém que foi embora com medo da barragem ter, né... acontecer... tem história de pessoas que, mesmo a barragem não saindo, saíram daqui? A senhora sabe dizer?

**LEONILA:** Óia, eu sei que aqueles que venderam a terra pra Antônio Emílio, saíram.

**CAMILA:** Então teve gente que vendeu!

**LEONILA:** É, que vendeu lá pra cima. Venderam, que disse que ia alagar tudo, venderam e saíram... se receberam, também não sei, porque a gente não sabe. E aí pra cima diz que muita gente saiu, saiu e foi embora. Agora cá embaixo a gente não foi porque, ficou naquelas, porque só se ela sai... se formasse mesmo a barragem, aí muitos iam embora de medo dela pra baixo. Como dizia Zé Rodrigues: "Cem metro pra cima da nossa cabeça?" Aí o negócio não ia ficar bonito. Mas a gente não tá *escapo*, porque essas PHC, eu sempre falo nas minha poesia "o monstro não acabou ainda". Porque essas PHC não tem... não barraram o rio mas estão querendo barrar os afluentes dele. E é a mesma coisa, porque barram os afluentes, vai secar... vai, já tá seca a Ribeira mesmo, vai acabar secando. E esse Ribeira ele andava navio de médio porte, tinha o Vicente Carvalho que eu vi lá encostado o caco dele lá em...

**VIRGINIA:** [sussurra] Iguape.

**LEONILA:** Iguape. Era um baita dum navio. Tinha o [palavra incompreensível], e o... como é? [palavra incompreensível] que era mais pequeno, e como que era o nome do outro? Esqueci o nome dele.

**VIRGINIA:** [sussurra] Vicente de Carvalho

**LEONILA:** Vicente de Carvalho é o que tá encostado lá. E tinha, e andava lancha, a lancha que compravam banana... umas lancha grande também, essas bateira de madeira... hoje nem canoa não passa, tem lugar que não passa. E a nossa vida com esse rio era isso, porque antes de ter caminho era só pelo rio... a turma botava, morria uma pessoa lá, era na canoa que *ponhava* e traziam pra cidade. Se dava um acidente, igual a mãe dela que sofreu um acidente e o pai dela acidentou ela... a canoa vindo da roça, com a espingarda. Era na canoa que vinha pra chegar, pra [palavra incompreensível]... ela foi acidentada cinco hora da tarde, quando nós saímos... eu juro, porque eu tinha... tava com...

**VIRGINIA:** Três anos, né?

**LEONILA:** Com meus...

**VIRGINIA:** Três anos. Cinco.

**LEONILA:** Com meus cinco anos!

**VIRGINIA:** Eu tinha três e ela tinha cinco.

**LEONILA:** Três, quatro... quando você chegou [palavra inaudível]... aí eu lembro até hoje, ela chegou... tinha uma tia nossa que veio correndo contar que ela tinha se acidentado, porque ele foi descer a espingarda da mão pra tirar uma sacola... que eles faziam um saco assim pra trazer *mio*... tinha uma afilhada dele que tava grávida e pediu pra ele, que se tivesse *mio* verde que trouxesse, ele não passar na casa dela, tirou o *mio* pra deixar pra ela, e a espingarda disparou, bateu bem na coxa da mulher. Aí essa tia nossa, ela veio com a espingarda correndo, veio correndo seis quilômetros, veio bater na beira do rio pra chamar o pai de Lelinho Almeida [palavra inferida] que tinha uma canoa de motor, pra buscar meu pai que tava aqui no bananal pequeno fazendo casa pra eles pra aí dar jeito de tirar ela de lá. E quando... aí meu pai nem foi, já veio pra cidade arrumar carro – porque nesse tempo não tinha carro nem ambulância, nem nada, nem hospital tinha – era arrumar carro e a turma ficaram lá. Aí quando saiu lá de casa era uma meia noite, numa cadeira assim, *ponharam* um pau... dois pau e quatro homem carregando ela. Aí quando chegaram em Pariquera era uma hora da manhã. Com ela. Não morreu porque não era pra morrer, que não tinha que morrer aquele dia *mermo*. E era assim desse jeito, mas ia de motor de lá... chegou na beira do rio, embarcava no motor, na canoa, pra chegar até aqui. E era o rio que era nosso caminho. Então, e eu lembro dessa história e tenho muito amor a esse rio. E acho que era o que Dita tinha também, que ela era mais velha do que eu, que ela tinha muito amor também nesse rio... e, acho que lá onde ela tá ela, ela vive pedindo pra Deus que não barrem nada desse rio pra não... pra que o rio corra solto por aí.

**TÂNIA:** Dona Leonila, é... eu acho que a senhora trouxe também bem isso, né? Além da luta contra o Tijuco Alto, também teve os impactos, né?

**LEONILA:** É.

**TÂNIA:** Que desde das barragens, desde a questão da Ribeira que tem esse impacto de encher a comporta... e aí eu queria que a senhora falasse um pouquinho... fizesse um pouquinho do resgate de hoje, né? Pensando da luta que a gente já – eu falo a gente por eu também ser quilombola – vivenciou... teve alguma diferença de hoje? Tamo ainda lutando com o mesmo objetivo?

**LEONILA:** Óia, hoje a luta tá fria. Não tem uma luta quente como nós estava. Eu sempre falo: “Não sei porque o povo esmoreceu”. E nós temos que aprender a lutar de novo, porque senão... a espada tá na nossa cabeça. Se nós arrear ela vem. Se não descuidar ela vem pra cima.

**VIRGINIA:** A barragem parou, mas a mineração não.

**LEONILA:** Então, eu acho assim, porque... antes aí, antes a gente tinha tanto ânimo de fazer luta, porque, se dissesse assim: “Amanhã começa, vamo começar gente que tal dia nós *irmo*...” era só sair ali, ía lá, já enchia dois, três ônibus de gente. Agora ninguém quer saber de nada com nada. Os velhos já estão fraco, já não tão podendo andar mais, e os novo não tão interessado muito. Eu acho que os novo perderam o interesse nisso. Mas só que eles tem que lutar porque... pra não deixar o caminho que nós *abrimo* se fechar de novo. Porque agora é com eles, porque nós já *tamo*... já *tamo* indo pro fim.

**TÂNIA:** Tem muito, né?

**LEONILA:** É.

**TÂNIA:** Tem muita luta, ainda.

**VIRGINIA:** Mineração tem que lutar por ela.

**TÂNIA:** Não entendi.

**VIRGINIA:** Mineração.

**TÂNIA:** Mineração?

**VIRGINIA:** É. Tem que lutar por ela, é... tem que lutar.

**LEONILA:** É.

**TÂNIA:** A senhora acha que tem muito impacto de mineração?

**VIRGINIA:** Claro que tem.

**TÂNIA:** Sim.

**LEONILA:** E como tem.

**TÂNIA:** Eu não sei, se vocês querem falar mais alguma coisa? Eu acho que pra finalizar, Leonila, eu queria saber se a senhora quer deixar algumas considerações... ou queria deixar aqui algum tema específico do assunto que a gente não falou... tem alguma coisa que... assim, pensando futuro né, que os jovens vão ver esse registro, né? A senhora queria deixar algum tema específico?

**LEONILA:** A minha consideração eu faço a mesma resposta que eu fiz pra menina que me perguntou pra mim lá... sobre como é que eles podiam... o que que eles podiam fazer... lá no dia que eu fui homenageada em Iguape... o que que eles podiam fazer pra continuar essa luta. Eu falei que carecia deles abrirem mais a ideia... a memória, terem espírito de luta, coragem e força, porque nós... nós não tinha estudo, muito nem igual eu, eu só fiz a oitava série no supletivo *depois* que meu marido morreu; eu já tava com quarenta *ano* quando fiz. Mas eu não tive estudo assim, não passei disso. Mas a gente tinha aquela força, aquele amor... tem aquele amor pela comunidade e pelo povo da comunidade. E lutar pra não vir os importunos [palavra inferida] tomar conta do que é nosso. Então é esse o meu... minha consideração é essa que eu falo: que tem de continuar a luta. A luta não pode morrer. Enquanto há vida, há luta.

**TÂNIA:** Sim, eu acho que agradecer a participação da senhora, de ter tirado esse tempinho, também, pra fazer esse registro de fortalecimento, de histórico de vida, de lembranças boas, difícil, né? Mas, agradecer... assim, a participação de nós da EAACONE, MOAB, assim também o pessoal do Museu, a Marci e o Thiago, tá participando aqui também. E o dia que a senhora quiser também ter essa gravação, acho que é válido, né? E... agradecer por esse momento de hoje!

**LEONILA:** E eu peço desculpas *deu* me emocionar, mas... eu não posso me lembrar da Dita sem me emocionar.

**TÂNIA:** Sim. É um momento da senhora, a senhora fica à vontade.

**LEONILA:** Porque, é... pra mim, eu tenho a Dita assim, igual aquela música do menino que foi pelo [palavra incompreensível] no dia da Santa Inês, não foi na missa da mãe, e o [palavra incompreensível] foi picar ele, e o cachorro tomou as dores, e o cachorro morreu, então *depois* ele disse assim [palavra inferida]: “*depois* nesse mundo tão louco, depois que eu perdi Pitoco, nunca mais achei outro igual”. Então assim mesmo eu digo: “*Depois* que Dita foi embora eu não achei... tenho muitos amigos, mas num achei um igual a ela”.

**TÂNIA:** Mas tem nós, pra construir isso, essa amizade. Eu acho que só pra deixar de registro também Leonila, que a gente passou em branco – eu ainda mais – é deixar aqui registrado aonde a senhora nasceu e a sua data de nascimento.

**LEONILA:** Abobral, margem Esquerda.

**TÂNIA:** E a data de nascimento?

**LEONILA:** Data de nascimento 17 de Janeiro de 1949.

**TÂNIA:** Tá. E aí eu acho também ia pedir aqui pra incluir, se a senhora também aceita, de tentar fazer um poema da senhora... se a senhora aceita fazer um registro só com um, a senhora achar um poema específico aí, não só daquele que a senhora falou sobre a questão da barragem... mas se a senhora aceita também fazer um... ler um dos seus poemas pra deixar registrado também.

**LEONILA:** Ah, tá.

**TÂNIA:** Aí Letícia vai desligar aqui a câmera e a senhora pega lá seus poemas escrito.

**LEONILA:** Tá bom.

**TÂNIA:** Assim como eu pedi na gravação anterior, pra Leonila tá lendo um poema pra deixar registrado, a senhora fique à vontade dona Leonila, pra tá fazendo esse registro.

**LEONILA:** Pronto?

**TÂNIA:** Sim.

**LEONILA:** Quero o meu rio a sorrir

Meu rio ribeira amado, faço essa observação

É alegre e risonho porque tá desesperado?

Quem garantia a nossa alimentação?

Não é como no passado

Com suas águas límpidas e ligeiras  
Era a nossa atração  
De nós, sempre lavadeiras que roupa lavava nesse ribeirão  
Com a ameaça de ser barrado, suas águas só amarelão  
Ô rio amargurado, como dói a mim essa situação  
Trinta e cinco anos de MOAB, não podemos esperar  
A luta continua, contra os inimigos poderosos, que com você quer exterminar  
Contamo com o Pai bondoso, que nessa hora não há de nos faltar  
Nossa luta, Pai amoroso, com força vamos continuar

Meu rio querido e bonito  
Como se sente agora?  
Olha triste ao infinito  
Cadê a fauna e a flora?  
Sua beleza acabando e a natureza a reagir  
Você nada pode fazer até agora  
Mas espero que você possa resistir  
Vamos com coragem, sem demora  
Quero ver você sorrir  
Muitos da luta já se foram, para o Plano Celestial Deus a levou  
Mas quem ainda aqui ficaram, a luta não recuou  
A bandeira levada à frente, nunca se intimidou  
Aqui quero lembrar de duas pessoas insistentes  
As irmãs Ângela e Sueli, que para nos encorajar sempre  
Estiveram em frente, como sempre a caminhar  
Nunca esqueceram da gente

Nós quilombo do Vale do Ribeira temos que nos ajudar  
Dessas duas criaturas de quem acabei de falar  
Pedi à elas as nossas orações, isso desejo de todo coração  
Força para conosco sempre ficar

Essa foi em 2009 que eu fiz.

**TÂNIA:** Obrigado.

[aplausos]